

**Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)**

Avaliação,  
Políticas  
e Expansão  
**da Educação  
Brasileira 8**

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da  
Educação Brasileira 8

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 8 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 8)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-465-8 DOI 10.22533/at.ed.658191007  1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.  CDD 379.981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA DA UNIPAMPA NOS PRIMEIROS ANOS DE CRIAÇÃO - VISÃO INSTITUCIONAL	
Caren Rossi Alzira Elaine Melo Leal Katiane Rossi Haselein Knoll	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A GUERRA DO CONTESTADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA APROXIMAÇÃO INDISPENSÁVEL NO MEIO-OESTE CATARINENSE	
Marco Andre Serighelli Vanessa Wegner Agostini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A PRIMEIRA IMPRESSÃO, OS DEVANEIOS EM BACHELARD E UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO	
Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena Luciane de Souza Oliveira Valentim Elaine Cristina Balancieri Pereira André Augusto Gutierrez Fernandes Beati	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA A EDUCAÇÃO	
Bianca Cristina dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS (INDICADORES) EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (COINFO): ESTUDO DE CASO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA COM O USO DE ABORDAGENS QUALITATIVAS	
Marcia Rosetto Regina Célia Baptista Belluzzo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS: UMA ANÁLISE DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA	
Jaqueline Vieira de Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
ECOS MORAIS E CÍVICOS: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE DE UMA BANDA MARCIAL EM TEMPOS DE DITADURA	
Rafael Montoito Rafael de Souza Velasco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: A POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL	
Patricia Melo Magoga Darcísio Natal Muraro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
GRUPO PET-GEOLOGIA E O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS NA ATUALIZAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOLOGIA DA UFPA	
Rosemery da Silva Nascimento Carlos Andrei Pedroso Da Silva Gabriel Silva De Araújo Pontes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6581910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
HISTORIA DA ESCOLAS PÚBLICAS CARIOCAS: DESAFIOS DA EXPANSÃO NOS BAIRROS DA GAVEA E URCA	
Rosimeri da Silva Pereira Arlindo Carlos Silva da Paixão Franklim Rodrigues de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
MAPEAMENTO HISTÓRICO DA VINCULAÇÃO DE RECURSOS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Edugas Lourenço Costa Rafael Pavan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
O PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO DAS NOVAS RURALIDADES DO SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Gerciane Maria da Costa Oliveira Kyara Maria de Almeida Vieira Gionara Bruna Alves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
O USO DE DOCUMENTÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RELAÇÃO	
Lóren Grace Kellen Maia Amorim Maria Teresa Menezes Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
OLHARES - A FOTOGRAFIA E OS ESPAÇOS URBANOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos Erik Armando Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE TRABALHO DOCENTE	
<a href="#">Solange Martins Oliveira Magalhães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
SOBRE AS UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ	
<a href="#">Oscar Edgardo N. Escobar</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>186</b>
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
<a href="#">Taira Carvalho Assis</a>	
<a href="#">Laís Leni Oliveira Lima</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS NO SÉCULO XX: APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS	
<a href="#">Helen Barbosa Raiz Engler</a>	
<a href="#">Leonardo Henrique Cardoso de Andrade</a>	
<a href="#">Tatiana Ferreira dos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>209</b>
UMA ANÁLISE DA ATUAL EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	
<a href="#">Edelvar Vicente Rippel</a>	
<a href="#">Millais Lariny Soares Rippel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE DAVID HUME E RENÉ DESCARTES	
<a href="#">Ana Cristina da Silva Brito</a>	
<a href="#">Kelei Zeni</a>	
<a href="#">Eliane de Fátima Triches</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>228</b>
BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS À LUZ DE FOUCAULT	
<a href="#">Adriana Martins de Oliveira</a>	
<a href="#">Francismeiry Cristina de Queiroz</a>	
<a href="#">Raquel Martins Fernandes Mota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>240</b>
VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESAFIOS EM CURSO NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI	
<a href="#">Vanessa Gonçalves da Silva</a>	
<a href="#">Cleide Ester de Oliveira</a>	
<a href="#">Veralúcia Guimarães de Souza</a>	
<a href="#">Francisco Carlos de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65819100722</b>	



**CAPÍTULO 23 ..... 253**

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE POSSIBILITAM ESSA PRÁTICA

Maria Goretti Rodrigues de Sousa Oliveira

Maria Aparecida Pereira

Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.65819100723

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 262**

## UMA ANÁLISE DA ATUAL EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

**Edelvar Vicente Rippel**

Faculdade Católica Dom Orione – Professor  
Araguaína (Tocantins)

**Millais Lariny Soares Rippel**

Faculdade Católica Dom Orione – Graduanda  
Araguaína (Tocantins)

**RESUMO:** A atual educação brasileira passa por um momento de pequenas transformações e viveu um período de estagnação que durou aproximadamente quatro séculos. Neste trabalho é analisado alguns autores como Paulo Freire que fala sobre a opção política, a posição pedagógica para o ensino de adultos e deixa explícito a compreensão do mundo, onde este conteúdo ao ser ensinado não pode ser estranho àquele do cotidiano do aluno. Carlos Rodrigues Brandão explica o que é a Educação e ainda autores como Cláudio de Moura Castro juntamente com João Batista Araújo expõem a qualidade do ensino nas escolas públicas com seus índices abaixo do estipulado pelo MEC, e ambos estabelecem a receita para melhorar esse ensino de baixa qualidade. A metodologia usada foi à pesquisa de autores que relatam a realidade do ensino básico nas escolas públicas.

**PALAVRAS CHAVES:** Educação. Educação básica. Escolas Públicas.

**ABSTRACT:** Current Brazilian education is going through a time of small changes. Experienced a period of stagnation that lasted about four centuries. In this paper we analyze some authors as Paulo Freire talking on the policy option, pedagogical position for adult education, leaves explicit understanding the world. This content being taught cannot be foreign to that of the student daily. Carlos Rodrigues Brandão explains what is education and also the authors Claudio de Moura Castro along with John the Baptist Araújo exposes the quality of education in public schools with their contents below the stipulated by the MEC, both establish the recipe to improve this level of low quality. The methodology used was the research of authors who report the reality of basic education in public schools.

**KEYWORDS:** Education. Basic education. Public Schools.

### 1 | INTRODUÇÃO

Observando o desenvolvimento de alguns alunos do ensino superior, percebe-se que o conhecimento de regras simples, como a pontuação, o uso adequado da gramática em frases simples, a interpretação de pequenos textos e a visão crítica do aluno está muito além do esperado por acadêmicos de ensino

superior. Neste contexto, não podemos deixar de mencionar o poder da leitura, onde é fácil encontrar alunos que chegam ao curso superior sem ter lido um livro sequer por vontade própria. Para encontrar a raiz do problema, devemos ver onde esses alunos estudaram e qual foi o acesso de ensino que tiveram em sua infância e adolescência e que tipo de educação básica esses alunos receberam nas escolas. Como uma das fases da educação: “ensino básico”, no remete a entender que é o básico que o aluno deve aprender para os anos de estudo que virão no decorrer de sua vida, chegando até à faculdade/universidade. Esta base que o aluno aprende, é também refletido não só na própria escrita que terá em seu futuro, mas nas interpretações e nas análises, na oralidade, de como irá se expressar e se comunicar.

Outro problema que encontramos nas salas de aula do ensino superior são as disciplinas que envolvem cálculos, onde levam acadêmicos a desistir do curso em que estão inseridos pelo fato de não compreenderem o básico que o professor está explicando, e se para este professor é necessário começar a ensinar os demais pela base, deixa de ser um curso superior, visto que se perde muito tempo e o proposto pela ementa não será dado aos alunos. Com isso, percebe-se que nem a leitura, nem o senso crítico, nem a interpretação textual está sendo apresentado nas escolas de ensino básico.

Por meios destas afirmações presentes no sistema, nos leva a pensar se os problemas desses déficits de aprendizado estão nos alunos, nos professores ou no sistema em que esses alunos estão inseridos? Analisando a história da educação no Brasil, percebe-se que muitos autores colocam o ensino em cheque quando analisarmos os quatro séculos perdidos na e da educação, como expõe Cláudio de Moura Castro e João Batista Araújo e Oliveira em seu capítulo denominado “Porque a educação brasileira é tão fraquinha” presente no livro *O Sociólogo e as Políticas Públicas* (2009). Já o autor Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro titulado “O que é Educação” (1989), tenta nos responder o que é educação em uma visão sociológica, baseada em alguns sociólogos, apontando a educação como princípios e valores que se aprendem antes de chegar às escolas.

## 2 | O QUE É EDUCAÇÃO?

Facilmente podemos entender nas palavras mencionadas por Carlos Rodrigues Brandão (1989) em seu livro “O que é educação”, como a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais, sempre se espera que sua missão seja de transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e de outros. Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer.

Na educação aparece que sempre surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender. No ensino formal é o momento em que a educação

se sujeita à pedagogia, cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. Neste momento é quando aparecem a escola, o aluno e o professor.

A educação do homem existe por toda a parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver, o que educa o homem e a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisório onde isto pode acontecer, portanto, é a comunidade que responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido e aprendido da cultura seja ensinado com a vida - e também com a aula - ao educando.

Não há apenas ideias opostas ou ideias diferentes a respeito da Educação, sua essência e seus fins. Há interesses econômicos, políticos que se projetam também sobre a Educação. Do ponto de vista de quem a controla, muitas vezes definir a educação e legislar sobre ela implica justamente ocultar a parcialidade destes interesses. Da ótica de quem responde por fazer a educação funcionar, parte do trabalho de pensá-la implica justamente desvendar o que faz com que a educação, na realidade, negue e renegue o que oficialmente se afirma dela na lei e na teoria.

Depois de Durkheim, inúmeros sociólogos, antropólogos, filósofos e educadores começaram a formular pontos de vista semelhantes à educação. Não é que eles tivessem a proposta de uma “nova educação”, menos abstrata e desancorada do que a “Educação Humanista” que criticavam. O que eles buscaram fazer foi esclarecer mais e mais como a sociedade e a cultura são e como funcionam na realidade; como a educação existe dentro delas e funciona sob a determinação de exigências, princípios e controles sociais (BUCKINGHAM, 2011).

Por isso há “leis do ensino” que afirmam com fé de ofício os valores de uma suposta democracia feita através da educação, e que é a alma dos conteúdos de seu ensino. Estas afirmações teóricas ocultam o fato real de que o exercício desta educação consagra a desigualdade que deveria destruir. Afirmar como ideia o que nega como prática é o que move o mecanismo da educação autoritária na sociedade desigual.

A esperança que se pode ter na educação é o despertar da ilusão de que todos os avanços e melhorias dependem apenas do seu desenvolvimento tecnológico. Acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que é ensinado na escola, quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo. E é bem possível que até mesmo neste “outro mundo”, um reino de liberdade e igualdade buscado pelo educador, a educação continue sendo movimento e ordem, sistema e contestação. A necessidade de preservar na consciência dos “imatuross” o que os “mais velhos” consagram e, ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar tudo o que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho.

Brandão (1989) reflete que todos os homens passam por situações de aprendizagens. Fundamentado na antropologia, o autor assinala que não há apenas

uma única forma ou modelo de educação, para tanto, descreve os processos de educação das tribos indígenas. Para ele, não se pode confundir educação - que é algo abrangente, posto fazer parte de todas as culturas - com ensino, que é específico à educação formal.

Aponta ainda que a educação acontece independentemente da existência de escolas e reflete que os índios passam por situações de instrução, sendo introduzidos, em sua cultura, à processos de ensino-aprendizagem que não se associam, exclusivamente, à imagem de um único preceptor, que seja detentor do conhecimento. O sociólogo discute a ideia de que tudo o que é necessário à vida humana envolve algum tipo de saber, e este último, requer métodos de ensino para se concretizar (BRANDÃO,1989).

O autor também busca compreender o conceito de educação a partir do que dizem as leis oficiais, os discursos dos estudantes e intelectuais sobre a temática e verificam a dialética existente no “dito” e “não-dito”, deixando-se nos penetrar diferentes discursos acerca da educação brasileira. Investigando esses documentos, constata que não há apenas ideias opostas a respeito da Educação, sua essência e seus fins, há interesses econômicos e políticos que se projetam sobre a educação.

Brandão (1989) aponta à realidade de que a educação no Brasil se deu – como em diferentes países – em caráter dualista: de um lado - uma educação para o trabalho – de outro, uma educação secundária e intelectualista. Nesse sentido, o autor denuncia o caráter contraditório de o discurso liberal impregnar sob o signo de educação universal. Todavia, aponta que assim como a vida é maior que a forma, a educação é maior do que o controle formal sobre a educação. Reflete que as classes dominadas conseguem, mesmo dentro de limites estreitos, criarem uma identidade própria, por meio de mecanismos de resistência contra a invasão cultural, e, assim, lutam pela perpetuação de saberes e práticas de sua própria cultura.

## 2.1 Escolas Públicas

Para entender o motivo do desempenho abaixo do normal, buscou-se colher informações nos dados do ranking do IDEB (Índice do Desenvolvimento da Educação Básica) das escolas formadora destes alunos. Em 2013, o índice registrado no Ensino Médio, que aqui acreditamos que é o mais importante para o aluno que chega até a faculdade, foi de 3.7, ficando abaixo da meta estipulada pelo Ministério da Educação que é 3.9 (Fonte: Saeb e Censo Escolar).

Em seu livro intitulado “Por que a educação brasileira é tão fraquinha?” (2009), os autores Cláudio de Moura Castro e João Batista Araújo trazem a afirmação em “O grande problema hoje é a qualidade da educação básica” como um dos capítulos do livro, onde explicam que não há fonte confiável para se medir a qualidade do ensino no Brasil desde a década de 1950 até os anos de 1990, porém afirmam que existe uma concepção de que no ensino houve um decréscimo de qualidade. Então foi elaborada

em 1993 o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), com um número expressivo de 200 mil alunos e o resultado,

Surpreendentemente, o Saeb nos diz que não houve uma queda significativa de qualidade na década. Ou seja, a hipótese de que a qualidade da educação, desde 1993, se mantém quase constante não pode ser negada por nenhum tipo de argumento técnico. O que se observou foi uma leve queda ao longo do tempo. Mas inferior às flutuações de ano a ano (CASTRO&OLIVEIRA,2009).

Em 2001 o Brasil entrou no PISA, (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) e ficou em último lugar, porém seus concorrentes foram somente os países ricos do mundo. Mais adiante entraram neste programa países com desenvolvimento comparado ao Brasil, foi aí então que o país ficou no meio da tabela passando à frente de países como Peru, Indonésia e Tunísia.

Os próprios autores Cláudio de Moura Castro e João Batista Araújo e Oliveira (2009) deixam claro que o fraco desempenho do ensino básico quando foi elaborada a Prova Brasil em 2005 e em todas as regiões do país mostra que o estudo está enquadrado como fraco, ou seja, abaixo do aceitável como bom. Em suas palavras “praticamente nenhum município ou rede de ensino consegue ficar acima dos níveis minimamente aceitáveis”, isso mostra que pouco evoluiu na qualidade de ensino dentro do país. Os autores ainda enfatizam que o Brasil faz muito pouco para que haja uma mudança drástica em seu ensino, uma mudança para tirar a desigualdade do país, pois isso só se consegue com a educação. E respondendo ao subtítulo do capítulo O que é Educação? eles ponderam:

A educação melhora a vida das pessoas que se educam mais, sim, inclusive dos mais pobres, mas como resultante dos processos gerais de desenvolvimento da educação, e não de políticas voltadas para a promoção da equidade ou para a redução de desigualdades (CASTRO&OLIEVIRA, 2009).

E analisando a sociedade, sabemos que os mais pobres, na grande maioria, frequentam escolas públicas, estaduais ou municipais, no qual estão diretamente dependentes das políticas públicas ligadas à educação, o qual foi feito pouco ou somente o mínimo necessário para se manter estes baixos níveis, pois os alunos que estudam nove anos sabem praticamente o que um aluno da 4ª série deveria saber, e isso é preocupante.

Para mudar esse cenário, os autores Cláudio de Moura Castro e João Batista Araújo e Oliveira (2009) destacam que é visto na globalização a saída para a melhora destes índices, pois o mundo já sabe que a educação de baixa qualidade é um mau negócio,

Cada talento perdido é uma perda de capital humano, uma perda de competitividade. Essa foi a mola que motivou as revoluções educacionais ocorridas desde a década de 1960 em vários países. E nelas, quem sabe, o Brasil poderia encontrar inspiração para fazer a sua revolução educativa (CASTRO, 2005)

E os autores ainda relacionam a receita da boa escola: Em primeiro lugar destacam que os professores devem ser bem formados, mas isso deve ocorrer antes

de irem para a escola lecionar. Em segundo, as escolas devem receber um programa bem detalhado do que será ensinado em cada série, como ocorre hoje. Em terceiro, dar mais autonomia para o diretor da escola para que haja um sucesso organizacional e um elevado desempenho dos alunos. Em quarto, é dito sobre as avaliações, que são diferentes em vários países do mundo, mas todas com o intuito de medir os resultados. E por último, as consequências dessas avaliações: se não atingirem a meta, alguma penalidade pode acontecer com o professor, diretor ou escola.

Mas a receita para melhorar a educação está nas receitas bem-sucedidas, porém, o modo de usá-las deve ser bem preparado:

- As receitas demoram em dar resultados, precisam de um consenso da sociedade e é importante que sigam o mesmo rumo;
- Todas as reformas devem obedecer à uma sequência de prioridades;
- Podem-se mudar as estratégias sem mudar o foco;
- Ter as receitas acima citadas operando simultaneamente; lembrando que não existe receita mágica para que haja essa melhora da educação instantaneamente.

E assim temos “receitas” para a melhoria da educação, então precisamos somente de políticas públicas que nos permitam torná-las realidade em nosso país.

Segundo Paulo Freire (1996), a educação é uma prática política tanto quanto qualquer prática política é pedagógica. Não há educação neutra. Toda educação é um ato político. Assim sendo, os educadores necessitam construir conhecimentos com seus alunos tendo como horizonte um projeto político de sociedade. Os professores são, portanto, profissionais da pedagogia da política, da pedagogia da esperança.

Quanto à qualidade do ensino, o autor deixa claro que não importa em que enunciado se encontra, educação de qualidade é sempre uma questão política, fora de cuja reflexão, de cuja compreensão e que não é possível entender. Não há educação neutra, nem qualidade, temos que lutar no sentido de reorientar a educação de modo que não vá a implicar uma opção política e não demande uma decisão política de materializá-la.

## 2.2 Educação Permanente e as Cidades Educativas

No livro *Política e Educação*, Paulo Freire (1992) explicita a compreensão do mundo, a opção política, a posição pedagógica, a inteligência da vida na cidade, o sonho em torno desta vida, tudo isso repleto de preferências políticas, éticas, estéticas, urbanísticas e ecológicas de quem o faz.

O autor sente-se numa posição pós modernamente progressista e é como tal que irá discutir a educação permanente e as cidades educativas. Ressalta inicialmente que:

a condição de ser histórico-social, experimentando continuamente a tensão de estar sendo para poder ser e de estar sendo não apenas o que herda, mas também o que adquire e não de forma mecânica. Isto significa ser o ser humano, enquanto

histórico, um ser finito, limitado, inconclusivo, mas consciente de sua inclusão (FREIRE, 1992).

Já o autor François Jacob (1991) diz que nós somos seres “programados para aprender”. Nesse sentido, aprender e ensinar, já que um implica com o outro sem que jamais um prescindia normalmente do outro, vieram na história, tornando-se conotações antológicas.

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, assim como pontua Freire (1992), como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração, a magia, a ciência, a tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas estas atividades humanas, o que seria? O autor revela ainda que a educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. Diz também que a educação é permanente na razão, de um lado: da finitude do ser humano; do outro: da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de ter incorporado à sua natureza, não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e assim, saber que podia saber mais, aí a educação e a formação permanente fundam-se.

Isso nos leva a pensar que a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou ao longo da aventura no mundo dos seres humano uma conotação de sua natureza, como a vocação para a humanização, de que Paulo Freire falou das obras: *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*.

Paulo Freire (1992) constata que não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar estranho numa certa prática educativa. O ser humano jamais para de educar-se. Daí que se possa observar facilmente quão violenta é a política da cidade, como Estado, que interdita ou limita ou minimiza o direito das gentes, restringindo-lhes a cidadania ao negar educação para todos. Quer dizer, as comunidades populares criam suas escolas, instalam-se com um mínimo de material necessário, contratam professores quase sempre pouco teoricamente formados e ainda conseguem que o Estado lhes repasse algumas verbas.

“Enquanto educadores a cidade é também aquela que educa. Muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exercemos o poder na cidade e o sonho ou a utopia de que embebamos a política, a serviço de que e de quem fazemos” (FREIRE, 1996).

E diz ainda:

“A tarefa educativa das cidades se realiza também através do tratamento de sua memória e sua memória não apenas guarda, mas reproduz, estende, comunica-se às gerações que chegam. Seus museus, seus centros de cultura, de sinais de aventura do espírito. Falam de épocas diferentes, de apogeu, de decadência, de crises, da força condicionamento das condições materiais” (FREIRE, 1996).

Assim, não é importante somente ter professores que saibam ensinar, mas o que é importante também é a estrutura que a escola possui, e isso depende do poder público, que como mencionado acima, está em débito desde o descobrimento do



Brasil.

## 2.3 Escolarização para adultos

O autor Paulo Freire (1992) chama a educação do adulto de educação popular, visto que é percebida na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e a competência científica dos educadores. Uma dessas exigências tem a ver com a compreensão crítica no cotidiano do meio popular. Não é possível a educadores pensarem apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser estranhos àquele cotidiano.

Dessa forma são tão importantes para a formação dos grupos populares certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, enquanto haja a análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, devem ir com indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feita, por um saber mais crítico e menos ingênuo.

O autor diz que assim compreendida e posta em prática, a educação popular pode ser socialmente percebida como facilitadora da compreensão científica que grupos e movimentos podem e devem ter acerca de suas experiências. Esta é uma das tarefas fundamentais da educação popular de corte progressiva, a de inserir os grupos populares no movimento de superação do saber de senso comum pelo conhecimento mais crítico, em torno do mundo e de si no mundo e com ele (FREIRE, 1992).

Conclui que a dimensão global para Educação Popular contribui ainda para que a compreensão geral do ser humano em torno de si como ser social seja menos individual e mais em conjunto, seja menos unidirecionada e mais aberta à discussões democráticas de pressuposições básicas da existência.

## 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a elaboração deste trabalho, foi analisado uma metodologia descritiva, onde inicialmente observou-se o problema na educação do ensino superior, objeto inicial deste estudo. Em seguida foi definido os tipos de pesquisa para colher as informações necessárias. Neste estudo há a pesquisa bibliográfica com autores que mencionam o passado da educação brasileira e como deve ser esta educação, qual o motivo para que esta educação não está conseguindo atingir números mínimos estipulados pelo Ministério da Educação muito menos atingindo as metas no ensino fundamental.

Nos estudos bibliográficos foram analisados alguns autores que relatam o problema da educação básica e fundamental no país, além da educação como um todo, dentro da sociedade.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo aceitando o tempo que o Brasil permaneceu “sem educação”, seja nos quatro séculos ou com a década perdida, a de 1980, não podemos permanecer inertes no sentido de aceitar os alunos como estão saindo do ensino básico até chegarem nas universidades. Precisamos mudar as formas de avaliação, fazê-los criticar mais, terem prazer pela leitura, só assim saberão escrever corretamente, sabendo usar os substantivos corretos, acentuações e poder de análise de textos.

Como mencionado acima pelos autores Cláudio de Moura Castro e João Batista Araújo e Oliveira (2009), “Cada talento perdido é uma perda de capital humano, uma perda de competitividade”. Esta palavra é a chave que precisamos aplicar mais para a educação. Como aconteceu em outros países outrora, podemos começar agora aqui com nossa educação, sabemos que deu certo, é só começarmos a trabalhar mais com o problema em sua origem: preparar melhor nossos professores dando condições estruturais e financeiras para que possam trabalhar melhor suas turmas. Os professores não precisam ser muito mais preparados teoricamente, bastam ter condições para que possam trabalhar e preparar melhor suas atividades que aplicarão a seus alunos. Os interesses econômicos, políticos que se projetam sobre a educação devem ser repensados, principalmente os de propriedade políticas.

Os alunos precisam ter mais alegria e entusiasmo ao estudar, e para isso nada melhor que o Método Paulo Freire, que usa o contexto do aluno junto à comunidade para aprender, e para isso é preciso que os professores preparem melhor suas aulas, pois na escola é um momento provisório que se passa, mesmo sendo escola em tempo integral, com as melhores condições para o aluno estar ali naquele momento, esses alunos precisam ser incentivados pelos pais porém, esse é outro problema que não é abordado neste artigo, mas que precisa ser estudado a fundo para encontrar uma solução ideal para as famílias que vejam na escola um depósito de criança.

Faz-se urgente melhorar os índices do IDEB, e para isso é necessário melhorar as políticas de investimento e as regras de qualidade do ensino médio. Esses índices estipulados pelo Ministério da Educação, se comparados a outros países já são muito baixo, então nada adianta atingir um índice se este mesmo está muito abaixo de outros países.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BUCKINGHAM, Will. Et. al (colab.) **O Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

CASTRO, Cláudio de Moura. Prefácio. In: MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da educação**. São Paulo: Instituto Braudel, Imprensa Oficial, 2005.

CASTRO, C.; OLIVEIRA, J. **Por que a educação brasileira é tão fraquinha?** Sociólogo e as

Políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FRANÇOIS, Jacob. **Nous Sommes Programmés, mais pour apprendre.** Le Courier, UNESCO, fevereiro, 1991.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez Editora, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME** Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: [williandouglas@uft.edu.br](mailto:williandouglas@uft.edu.br)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-465-8

